

O INSTANTE VISCERAL: ENTRE A MULTIPLICIDADE E A IMERSÃO NA IMAGEM

THE VISCERAL INSTANT: BETWEEN MULTIPLICITY AND IMAGE IMMERSION

Rafaelle Ribeiro Rabello / UFPA

RESUMO

O texto propõe um pensar na imagem a partir da ideia de multiplicidade apresentada por Deleuze. Tal conceito gira em torno da proposta artística que está sendo desenvolvida para o Doutorado em Artes da Universidade Federal do Pará na linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. O processo de criação apresenta a imagem em explosões múltiplas, revelando assim, camadas visuais mais arraigadas, algo mais íntimo e profundo ali inerente. A partir da seleção de algumas imagens, pontuam-se reflexões conceituais, assim como um mergulho no visceral desse processo, utilizando como interface o óculos de realidade virtual, como possibilidade de perceber que a profundidade não é senão a aparência que escapa, representando uma extrema particularidade de um instante fotográfico, de uma cavidade espaço-temporal.

PALAVRAS-CHAVE: imagem; multiplicidade; visceral; espaço; tempo; imersão.

ABSTRACT

The text proposes a thinking about image from the multiplicity idea according by Deleuze. This concept revolves around the artistic proposal that is being developed for the Doctoral Art Program of the Federal University of Pará in the Poetics and Processes of Performance in Arts research line. The process of creation presents the image in multiple explosions, thus revealing, more deeply rooted visual layers, something more intimate and deep inherent in it. From the selection of some images, conceptual reflections are punctuated, as well as a visceral dive through this process, using the virtual reality glasses as a possibility to perceive that the depth is nothing but the appearance that escapes, representing an extreme peculiarity of a photographic instant, of a space-time cavity.

KEYWORDS: image; multiplicity; visceral; space; time; immersion.

Considerações Iniciais

A imagem vibra, ela é um corpo que se desdobra e dela emana uma potencialidade polimorfa que se revela em suas variadas estruturas visuais mais profundas. Ela carrega em si uma subversão, ao ponto de não mais realçar “a coisa” representada, mas de afetar tudo que a cerca. É nessa subversão da imagem que também reside uma atmosfera pensativa, como aponta Alloa (2017), que compreende o espaço potencial da imagem e suas atualizações singulares, a partir de explosões múltiplas, tocando aquilo que está ausente e tornando presente algo mais distante ou mais profundo. Ao levar em consideração o seu caráter proteiforme¹ e sua potência visual, venho há mais de dez anos me debruçando sobre meu processo criativo em torno de imagens fotográficas que me revelam uma dimensão outra, um aspecto invisível de um instante fotográfico, que denomino de instante visceral. Esse conjunto de imagens fotográficas de minha autoria, se reconfigura a cada reaproximação, me proporcionando perceber essa atmosfera pensativa que emana da imagem e, portanto, me instigando a extrair daquele recorte, novos desdobramentos formais que serão apresentados ao longo do texto. O artigo aponta para um recorte deste processo criativo em andamento e pontua alguns conceitos operatórios que vão surgindo a partir do fazer do artista, assim como um diálogo com referências teóricas que cruzam a produção e o pensar sobre a imagem.

O instante visceral: entre o uno e o múltiplo

Entende-se visceral aquilo que se encontra arraigado, algo íntimo e profundo de uma coisa. E ao trazer este conceito para se pensar a imagem, indica que ela é possuidora de elementos mais intensos que se revelam sob uma atmosfera formal e subjetiva acionados da relação entre o eu e a interface. Penso também nesse visceral, para além da imagem, uma vez que a relação estabelecida entre o eu e o processo, compreende uma reação de desejo com a imagem. O processo poético com o qual estou imersa compreende desde o momento de reaproximação com a imagem disparadora (Figura 1), até o alcance de sua multiplicidade (Figura 2) de onde emergem camadas mais íntimas daquele instante uno. O ir e vir nas sequências visuais, apresenta-se como um mergulho nas entranhas, um caminho para o(s) instante(s) do visceral. Dessa relação de prazer entre o eu e a imagem, entrelaçamentos temporais e quiasmas de olhares se fazem presentes.



Figura 1
Rafaelle Ribeiro Rabello
Belém, 2018
“Instante fotográfico #1 de um momento em sala de aula”
Fotografia Digital

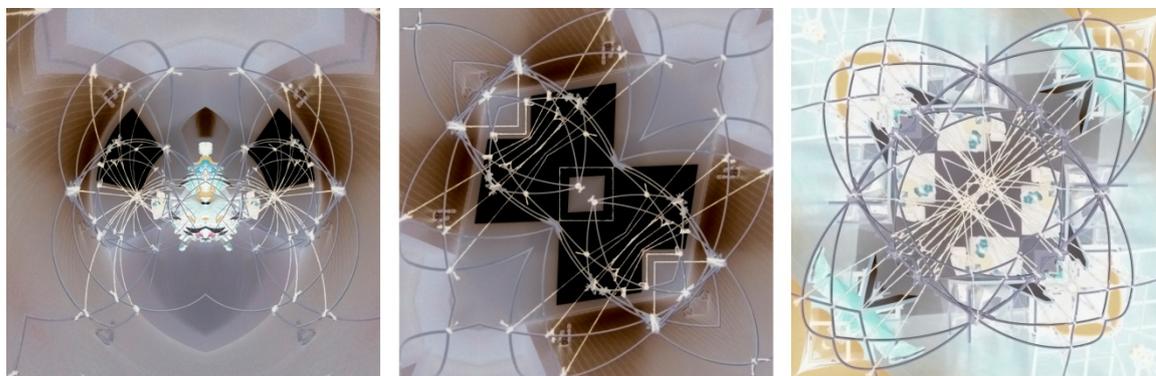


Figura 2
Rafaelle Ribeiro Rabello
“Instantes Viscerais #1.1; #1.2; #1.3”
Fotografia Digital manipulada em dispositivo móvel, 2018

O processo de súbito recorte na imagem disparadora me permite acessar um espaço outro, uma área em potencial que somente é acionada com o auxílio da interface. Para isso, utilizo um conjunto de aplicativos² que me permite acessar esses lugares mais viscerais. Considerando que as imagens possuem um potencial estético visceral, extraio daquele instante-uno, instantes-múltiplos que se combinam, formando um sistema das diferenças. Portanto, o instante visceral da imagem compreende esse acesso aos espaços íntimos da imagem - espaços subjetivos que

proponho ao me reaproximar de imagens fotográficas e perceber que dali algo está prestes a acontecer revelando assim um iminente de elementos que pode se desdobrar em novas propostas visuais.

Estando imersa neste processo e observando seus meandros, me aproximo da dimensão filosófica que se instaura na teoria da multiplicidade de Deleuze, ao perceber que o campo de força do conceito de multiplicidade está presente dentro do meu processo criativo, uma vez que a relação uno e múltiplo não é operado em termos de dualismo ou oposição, mas pela combinação do par, uno e múltiplo. É relevante ressaltar que, Deleuze *apud* Cardoso Junior (1996) não trata o múltiplo como adjetivo que qualifica o substantivo uno, nem como derivativo, nem como uma dispersão empírica em que o uno se estilhaça ou se ofusca. Muito menos o uno como uma origem, a partir da qual se instaura uma série de gradações até seu retorno ao estado original. Para ele, o múltiplo deixa de ser o adjetivo, para receber ele também, uma definição substancial. Ao instaurar o seu conceito de multiplicidade como um sistema de diferenças, o filósofo nos propõe pensar essa configuração de elementos onde as diferenças convivem na multiplicidade.

É, portanto, a partir desse movimento, existente entre o par, uno e múltiplo que percebo a minha poética, que se manifesta no sistema visual que proponho. Um sistema onde as diferenças se combinam formando estruturas outras por meio de dispositivos tecnológicos.

Apesar de que a formulação conceitual deleuziana em torno da multiplicidade tenha adquirido um alcance ontológico, creio ser importante também pensar a imagem a partir desses princípios, uma vez que as construo não como um estilhaçamento aleatório de uma imagem original (uno). Pelo contrário, uma imagem da multiplicidade já trás consigo a diferença que se exterioriza no momento de conexão com outros elementos, sejam físicos ou digitais. A imagem da multiplicidade sempre tem um motivo para sair de si mesma. E mais ainda, a definição da imagem é inseparável da definição de sujeito, portanto, totalmente paradoxal segundo Mondzain, pois “como produção do sujeito, a imagem faz devir o sujeito mesmo que a produz”. (2017, p.39)

Imagem imersiva: tempo e espaço/ tempo espacializado

Levando em consideração tais apontamentos deleuzianos em torno da multiplicidade, convido a pensar a imagem dentro de seus desdobramentos técnicos e estéticos contemporâneos a partir de algumas dimensões que acabam atravessando meu processo criativo, como por exemplo pensar a imagem em termos de imersão, tempo e espaço. O conceito operatório de imagem imersiva surge em minha pesquisa trazendo uma outra forma de percepção e relação com a visualidade proposta. Este tipo de imagem tenta provocar um envolvimento visual mais íntimo com o espectador trazendo camadas de informações visuais em combinação com a linguagem sonora proposta. Esta imagem é caracterizada e vivenciada em realidades virtuais que segundo Grau (2007) é vivenciada de forma que vede hermeticamente a percepção das impressões visuais externas do observador atraindo sua atenção para os objetos plásticos ali propostos e expandindo perspectivas de espaços reais, no espaço de ilusão.

A imagem imersiva é percebida dentro de um mundo artificial, um espaço imagético percebido em sua totalidade ou que pelo menos seja preenchido todo o campo visual do observador. Para tal, surge a interface do óculo de realidade virtual, que permite esse acesso à visualidade apresentada. O óculos possibilita a integração do espectador em um espaço de 360 graus com suas próprias leis de tempo e espaço. Me interessa e me instiga provocar as diversas maneiras de percepção de uma imagem. Isto é, visualizar a sequência de imagens indicadas na Figura 3 em um espaço de 360 graus, é bem diferente por exemplo, de observá-las neste texto, num livro, num quadro ou em uma tela de computador.

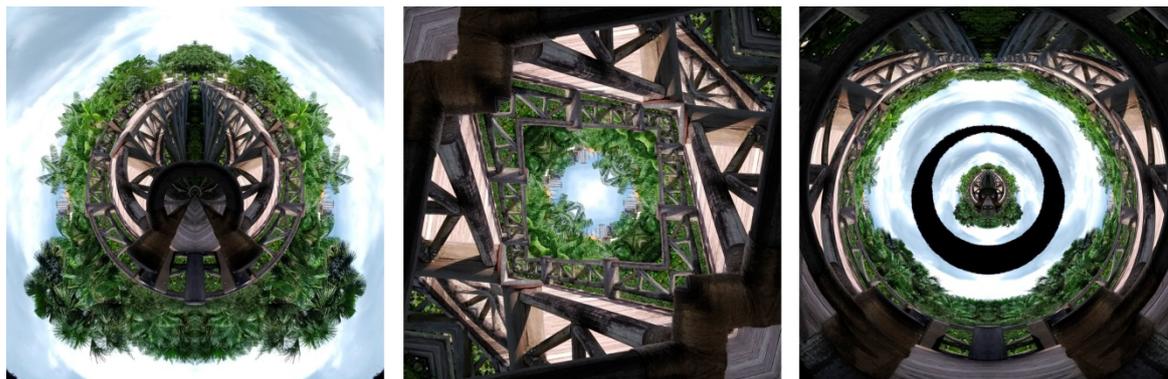


Figura 3
Rafaelle Ribeiro Rabello
“Instantes Viscerais”
Fotografia Digital manipulada em dispositivo móvel, 2018

É pensando nos dispositivos que nos mediam, que precisamos entender as duas maneiras de perceber uma imagem – a primeira, refere-se a forma imediata, isto é, daquilo que é percebido instantaneamente e a segunda, refere-se a forma mediata, ou seja, daquilo que precisa de um intermédio, de uma mediação. Nesse sentido, da relação entre o EU e a IMAGEM, surge um terceiro, a interface, que compreende uma série de dispositivos, desde os mais simples aos mais complexos que estabelecem uma nova forma de se relacionar com o mundo.

É, portanto, ao se pensar nesta interface, que proponho então, a imersão nessas imagens múltiplas por meio do óculos de realidade virtual (Figura 4).



Figura 4
Headset de realidade virtual
Modelo Loox VR Alpha

A imersão é feita por um *smartphone* acoplado ao *headset* de realidade virtual, onde o usuário se depara com as imagens mostradas em sequência e exploradas com o recurso de 360 graus, por meio do aplicativo *Magic VR Player*. O aplicativo duplica a

imagem na tela do celular (Figura 5), que quando visualizada pelo óculos de realidade virtual, promove uma sensação de estar imerso naquela visualidade proposta. Esse recurso, proporciona uma perspectiva visual diferenciada, podendo adentrar ainda mais nas peculiaridades anatômicas das tramas visuais dos cenários que vão se modificando a cada segundo. Como elemento adicional, acrescento uma sonoridade às paisagens que funcionam como uma camada extra de sensação emocional com as imagens.

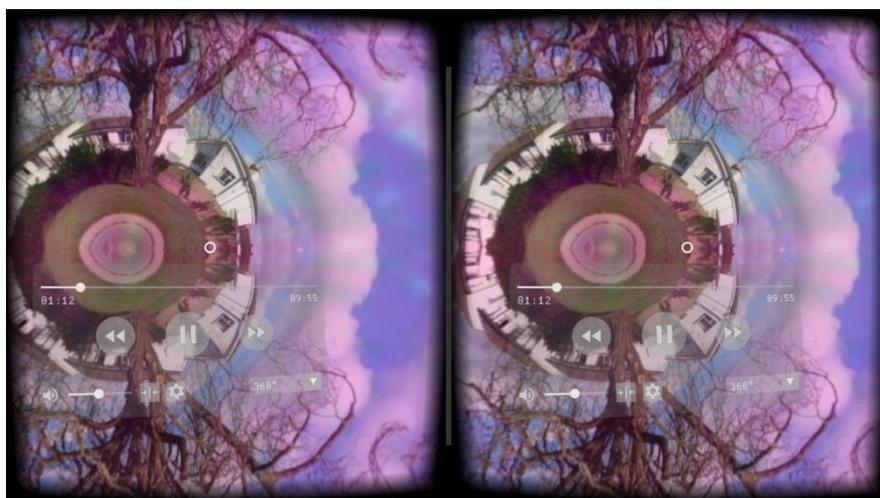


Figura 5
Aparência da interface do aplicativo *Magic VR Player*

O processo artístico leva em consideração algumas estratégias que permeiam a Realidade Virtual, como por exemplo, a simulação de um espaço. Nos ambientes virtuais predominam a estratégia da simulação de processos, no qual a realidade virtual é experimentada como um contexto de possibilidades. Contudo, a linguagem do virtual não deve ser observada apenas como uma técnica, mas como um convite para o refinamento da percepção. (KERCKHOVE, 1997)

Murray (2003) complementa que a imersão é um termo metafórico derivado da experiência de estar submerso na água podendo compreendê-la como a experiência de ser transportado para um lugar primorosamente simulado, disparando a sensação de estarmos envolvidos por uma realidade totalmente estranha, requerendo um simples inundar da mente.

Ao propor, portanto, a imersão nessas imagens, alguns apontamentos devem ser considerados, em especial sobre sua temporalidade. Ora, se a fotografia possui o

poder de imobilizar um instante pontual de um evento, que chamarei aqui de tempo-uno, ela também trás consigo o poder de acionar tempos-múltiplos, que formam um fluxo, um emaranhado de elementos que vão se revelando aos poucos. Pensemos isso em termos de espaço também. É levando em consideração, a capacidade múltipla da imagem, que me permito realizar tais cortes poéticos, uma vez que ao extrair do uno, o múltiplo, compreendo que nada tem uma origem, mas sim combinações e recombinações de tempos, espaços, formas, subjetivações, etc.

As imagens não saberiam propriamente ser localizadas nem aqui, nem lá, mas constituem precisamente esse *entre* - um não-tempo e um não-espaço, nem daqui e nem de outro lugar, nem presente, nem ausente, mas iminente. É nesse tempo-espaço iminente, que a visceralidade se escancara e as camadas se revelam.

O tempo da foto não é a do Tempo, isto é, aquele fragmento de tempo isolado pelo gesto fotográfico, a partir do momento que é capturado pelo dispositivo. Há um atravessamento a um outro tempo, a um outro mundo como aponta Dubois (1993). É dessa tensão entre tempos, que se abandona o tempo crônico, aquele “real”, evolutivo e se passa a entrar numa temporalidade outra, instalando-se no tempo ucrônico da imagem.

Em ambiente virtuais, mediados pela interface Couchot considera que há a existência de um “Espaço Utópico”, ou seja, um espaço sem topos, sem lugar determinado, um espaço de simulação, no qual todas as dimensões, todas as leis de associação, de deslocamento, de translações, de projeções, todas as topologias são teoricamente possíveis. Para ele, na simulação, não é possível somente a existência de um “Espaço Utópico”, mas a possibilidade de um “Tempo Ucrônico”, ou melhor um tempo simulado, um não-tempo, como ressalta a seguir:

O tempo de síntese é um tempo aberto, sem orientação particular, sem fim nem começo (como o filme fotográfico ou a modulação escandida do vídeo), tempo que se auto-engendra, se reinicializa ao sabor do observador, segundo as leis imaginadas pelo autor. (COUCHOT, 2003, p.169)

Nesta operação de explosões espaço/temporais, vasculho na imagem disparadora o seu *virtus*, aquilo que não aparece de forma imediata. Assim, pensar o *virtus* da imagem, é pensar em algo que designa a potência soberana do que não aparece visualmente de imediato. Percebo a imagem (Figura 6) por meio de uma atmosfera

sobrecarregada de camadas de elementos visuais, temporais e espaciais, da qual extraio dimensões que vão se revelando (Figura 7) a cada reaproximação e embate com a imagem disparadora.



Figura 6
Rafaelle Ribeiro Rabello
Irlanda, 2017
“Instante Fotográfico #2 de uma árvore”
Fotografia Digital

A ideia de “extração” espaço/temporal aqui pontuada, e intimamente ligada com meu processo criativo, refere-se ao ato de perceber na imagem disparadora, camadas de instantes agenciadas pela interface.

Perceber esses instantes viscerais dentro de uma proposta imersiva e através de suas dimensões espaço-temporais, me leva a considerar a imagem como um labirinto de formas cronotópicas, de relações intrínsecas entre o eu e as coisas, que se estendem como um *continuum* entre construção e desconstrução. É situada nesse interstício do processo de construção e desconstrução da imagem, que alcanço as entranhas formais (Figura 7 e 8), e percebo uma organicidade visual mais íntima daquele instante vivido.



Figura 7
Rafaelle Ribeiro Rabello
“Instante Visceral #2.1”
Fotografia Digital manipulada em dispositivo móvel, 2017

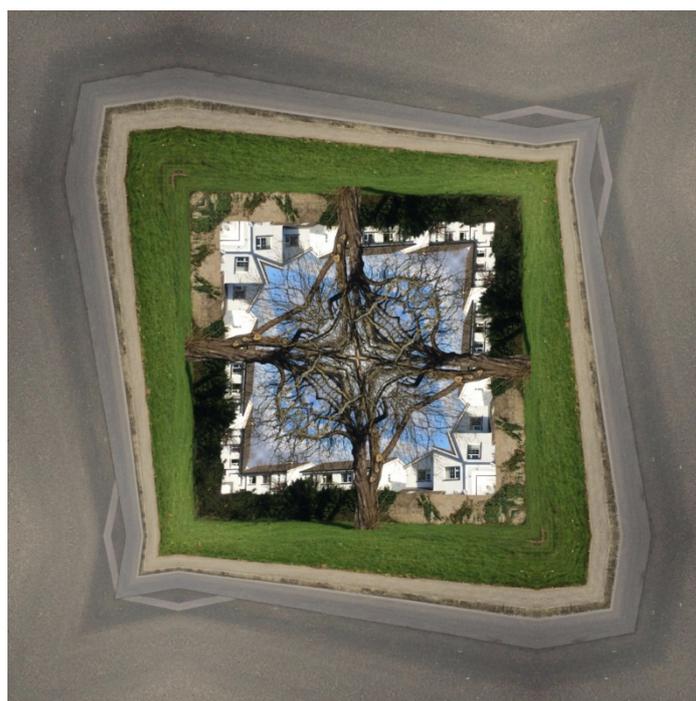


Figura 8
Rafaelle Ribeiro Rabello
“Instante Visceral #2.2”
Fotografia Digital manipulada em dispositivo móvel, 2018

E ao me aventurar pelas imagens, e pela paixão de seus detalhes, me encontro entre a ânsia do visível apreendido, mas também pela longa suspensão mediada por uma interpretação multidimensional daquele instante, na busca de um invisível que ali reside.

Deveríamos pensar a imagem como um objeto visual? Didi-Huberman (2015) utiliza esse termo para se referir à obra de arte como uma espécie de organismo, um corpo que possui suas especificidades, saberes e não-saberes, dotados de pontes múltiplas e tempos heterogêneos que não se aglutinam, mas sim formam camadas.

Acredito ser pertinente pensar a imagem, não como um objeto visual, mas como um corpo orgânico, dotado de elementos e camadas visíveis e invisíveis que interagem e funcionam por um viés polidirecional. Deste corpo orgânico (corpo-uno), emana as imagens viscerais (corpos-múltiplos), que representam a potência daquilo que não aparece visualmente de imediato, mas quando acionadas por meio de uma interface, designam o ato poético da combinação da realidade e da ficção. A imagem visceral surge através da desmontagem do visível fotográfico que é reconfigurado pelas estruturas formais, de espaço e tempo.

Interessante notar que na teoria de tempo e espaço de Bergson, surge a quarta dimensão que se revela como “tempo espacializado”, aquele sempre em movimento pela *durée*:

Pois esse Espaço e esse Tempo que se interpenetram não são o Espaço e o Tempo de nenhum físico real ou concebido como tal. O físico real toma suas medidas no sistema em que se acha e que ele imobiliza ao adotá-lo como sistema de referência: nele Tempo e Espaço permanecem distintos, impenetráveis um ao outro. Espaço e Tempo só se penetram nos sistemas em movimento onde o físico real não está, onde só habitam físicos por ele imaginados — [...]. (BERGSON, 2006, p. 194)

Deste modo, o tempo e o espaço (re)conversíveis um no outro são características de um instante visceral, assim como de uma imagem percebida dentro de uma atmosfera imersiva, uma vez que pela *durée*, “uma sucessão heterogênea de estados da consciência em contínua ampliação ou enriquecimento, um fluxo criador (...) está sempre em movimento e apontando para o devir”. (VERUNSCHK, 2007, p. 6)

Este fluxo criador, presente no eu artista, revela-se no processo de criação aqui pontuado, por meio de suas complexidades singulares, suas analogias, seus contrastes em um movimento contínuo de metamorfose.

Considerações Finais

No texto de Calvino (1992), *Aventura de um Fotógrafo*, o personagem Antonino obcecado pela busca de uma fotografia única, é levado a aventurar-se a um caminho sem volta, uma vez que, ao se encantar pelo ato de fotografar, não havia nenhuma razão para parar. Assim, o aventurar-se de Antonino, revelado no estado de alma do personagem e sua relação com a fotografia, me faz perceber que esse mesmo movimento interior que o motiva também está presente no meu eu visceral – um eu que busca na imagem todas as formas possíveis de serem fotografadas. E, certa de que toda imagem possui cavidades a serem exploradas e extraídas, me resta aceitar que, a abertura ao mundo do visível e invisível, poderá nos levar a lugares e tempos múltiplos.

O instante visceral, possuidor de uma aura subjetiva, não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. Como arte da memória, a imagem se revela em camadas que são vasculhadas com a ajuda da imaginação, nos aventurando por seus interstícios, percebendo suas relações íntimas e secretas, suas correspondências, suas analogias.

É desse sentimento visceral entre o eu e a imagem que emana toda a organicidade da minha poética. Processo de observação íntima para o que já foi fotografado e vivido, construindo um novo olhar, por ângulos, cores, formas e demais recursos visuais em um caminho eterno de busca por outras imagens. É o desejo e o prazer de ir ao fundo. Afinal, o prazer da imagem é aquele que lança o desejo pelo qual a forma, fundo e o eu, entram em tensão mútua, onde o fundo se eleva na forma e a forma se afunda no fundo.

Pensemos, portanto, que a imagem não nos revela unicamente a verdade de uma realidade. Como imagem, ela tem a capacidade de inflamar em sua multiplicidade, proliferar, revelar verdades cruas, velar e mentir. Ela nos seduz, nos despista, ela tem astúcia, nos vicia, nos engana. Como fonte de conhecimento e pecado, ela também é malícia.

Notas

¹ Aquilo que muda constantemente de forma.

² *Mirror Lab, Planetical, Snapseed, Chroma Lab, Photoshop.*

Referências

- ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emmanuel (org.) *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p.7-19.
- BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CALVINO, Ítalo. A Aventura de um Fotógrafo. In: *Os Amores Difíceis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.51-64.
- CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebelo. *A origem do conceito de multiplicidade segundo Gilles Deleuze*. São Paulo: Trans/Form/Ação, 1996. p.151-161. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v19/v19a10.pdf>> Acesso em: 24 maio 2018.
- COUCHOT, Edmond. *Tecnologia na Arte: da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*, trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo*. História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- GRAU, Oliver. *Arte Virtual: da ilusão à imersão*, trad. Cristina Pescador, Flávia Saretta, Jussânia Costamilan. São Paulo: Senac, Unesp, 2005.
- KERCKHOVE, Derrick. A realidade virtual pode mudar a vida? In: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, p.49-51, 1997.
- MONDZAIN, Marie-José. A imagem entre proveniência e destinação. In: ALLOA, Emmanuel (org.) *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p.39-53.
- MURRAY, Janet. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural / Unesp, 2003.
- VERUNSCHK, Micheliny. *A literatura e o labirinto do tempo: como se dá a convergência de tempos e espaços na literatura mundial*. Continuum Itaú Cultural: tempo da arte, arte do tempo. n. 1, jul. 2007. Disponível em: < <https://issuu.com/itaucultural/docs/revista-continuum-1> > Acesso em: 24 de maio 2018.

Rafaelle Ribeiro Rabello

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/ICA/UFGPA). Atua na Linha de Pesquisa de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Integrante do grupo de Pesquisa Lab Techné (CNPq). Desenvolve sua pesquisa poética com ênfase em Tecnologia da Imagem, englobando estudos teóricos e práticos sobre Imagem, Interface, Realidade Virtual, Realidade Aumentada e Cibridismo.